

OSCAR AO TERROR¹

Como o agressor se torna a “Vítima”

Prof. Ms. Luis Fernando Guimarães Zen²

Em 2005 inauguramos nossos trabalhos abordando a Guerra do Iraque, dois anos após o então presidente dos Estados Unidos George W. Bush ter anunciado o fim da Guerra. Na ocasião, questionamos entre outras coisas os motivos que levaram a Guerra: armas de destruição em massa; apoio ao terrorismo; além do argumento de que a guerra era necessária para “levar a democracia ao Iraque”.

Cinco anos depois, não pretendemos retomar temas já trabalhados, mas sim, refletir a atualidade dos mesmos. Nessa edição do Observatório do Mundo Contemporâneo vamos abordar o mesmo problema, a Guerra, por uma outra e mais recente forma de tentativa de legitimação da mesma. Se em 2002 quando o ataque estadunidense começou, os “senhores da guerra” se utilizaram de sua imensa capacidade de criar um inimigo, utilizando-se dos seus diversos recursos que vão desde a televisão, jornais e revistas, além de muitas outras formas de convencimento, em 2010 não é diferente.

A tática abordada aqui é o recente premio do “Oscar 2010”. Em pleno momento que os ataques estadunidenses passam por um processo de acirramento, tanto no Iraque quanto no Afeganistão, um filme rodado em 2008 ganha o maior número de prêmios de 2010, algo incomum para a famosa “academia”.

O questionamento aqui, vai no sentido de pensar como que o filme inverte a posição dos exércitos estadunidenses que passam de agressores a vítimas. Porque a diretora do filme Kathryn Bigelow, retrata uma brigada do exército estadunidense que trabalha no desarmamento de bombas? Dessa forma, ela retrata os soldados dos EUA por um lado que os torna vítimas dos ataques iraquianos, ou seja, os soldados não estão lá para atacar um país e sim para defender os seus soldados dos ataques inimigos.

¹ Mural produzido em Abril/ 2010. Coordenação: Luis Fernando Guimarães Zen. Estagiários: Guilherme Dotti Grando, Fabíola Waiss Farherr, Fagner Guglielmi Pereira, Francieli Pinheiro, Karen Loraine Kraulich e Marcos da Silva de Oliveira.

² Docente do curso de História da UNIOESTE.

O filme mostra desde o início os soldados convivendo entre si, isso nos familiariza com os mesmos, passamos a “conhecer” esses soldados, eles tem nome, família, função. Por outro lado, os iraquianos aparecem aleatoriamente, não sabemos quem eles são, todos são suspeitos, estão, a todo o momento tramando um suposto ataque, eles não tem rosto e apesar de serem as verdadeiras vítimas, tanto do antigo regime de Saddam Hussein, quanto dos ataques estadunidenses desde 1992, aparecem para Hollywood como agressores. É a inversão dos papéis.

O cenário de destruição mostrado pelo filme foi causado basicamente por quatro motivos: o primeiro deles foi devido a uma longa guerra entre o Irã e o Iraque na qual os EUA forneciam armamentos para aquele país. A segunda causa foi a Guerra do Golfo de 1992, quando os ataques aéreos estadunidenses destruíram boa parte da capital iraquiana. O terceiro motivo veio logo em seguida, causado pelo embargo econômico liderado pelos EUA desde 1992 e que até o início do atual conflito (2002) já havia matado (de fome e sede) mais de 1,5 milhões de pessoas naquele país. O quarto motivo vem de quase uma década de ataques do atual conflito, onde centenas de toneladas de bombas e ataques que utilizam de toda a sua capacidade bélica já foram lançadas sobre uma população que não tem hoje a menos resistência organizada.

Passados mais de oito anos de conflitos diretos no Iraque (se considerarmos os primeiros ataques ao Iraque logo após o fatídico atentado de 11 de setembro de 2001 em Nova York) os motivos iniciais já caíram por terra, não foram encontradas armas de destruição em massa, até porque já se sabia que elas não existiam, Saddam Hussein foi covardemente enforcado, mesmo nunca tendo sido comprovada sua ligação com terroristas, e a democracia iraquiana não tem nenhuma legitimidade diante da população. Ou seja, os motivos alegados para o início dos conflitos já não se sustentam mais, mesmo assim, uma nova onda de violência vem se instalando no Iraque mesmo após a troca de governo nos EUA.

E o cinema hollywoodiano legitima os ataques invertendo os papéis, onde as forças invasoras se tornam vítimas da guerra e as vítimas se tornam as agressoras.

A Guerra do Iraque: uma questão de interesse

*Fagner Guglielmi Pereira*³
*Marcos da Silva de Oliveira*⁴

A Guerra do Iraque ganha impulso em 2002, com uma série de ataques na capital Iraquiana Bagdá. As várias conotações que a guerra possui, demonstra a profunda contradição que está implícita em torno do conflito, também conhecida como: Ocupação do Iraque, segunda Guerra do Golfo ou ainda operação de “liberdade” do Iraque. A Guerra, mais do que as respectivas analogias e nomenclaturas parecem anunciar previamente, está intrinsecamente ligada ao imperialismo estadunidense e suas táticas de escoamento produtivo.

Embora o discurso midiático atrelado à classe dirigente dos Estados Unidos seja “combater o mal terrorista”, o que realmente está por trás de todo esse “mar” de interpretações distorcidas, são os interesses econômicos das indústrias bélicas, do setor petrolífero e financeiro mundial.

Na vanguarda dos interesses dos E.U.A, está constituída uma força desinformativa capaz de pincelar as manchas dessa investida nefasta. Estamos falando do grande aparato midiático estadunidense, o mesmo que afirmou que Saddam Hussein tinha ligações com a Al Qaeda de Osama Bin Laden, sendo que Saddam comandava um governo não religioso, exatamente o oposto dos fundamentalistas religiosos da Al Qaeda. Evidentemente, a “grande mídia” detentora da “verdade suprema”, não noticiou que os Estados Unidos financiaram o Iraque durante dez anos na guerra contra o Irã.⁵

A mídia nas suas mais variadas formas: televisão, jornal, revistas, internet, radio, exercem um poder muito grande perante toda sociedade, e um bom exemplo dessa manipulação fica a respeito do filme “Guerra ao Terror” lançado em 2008 e ganhador do Oscar em 2010. O filme busca passar ou retratar a imagem do exército invasor como “salvador” das ameaças terroristas. Os soldados estadunidenses sempre aparecem na defensiva (desarmando bombas, ajudando as pessoas em risco, enfim, inúmeros fatores que justificam sua ocupação) e os Iraquianos como “rebeldes”.

³ Discente do 3º ano do curso de História da UNIOESTE.

⁴ Discente do 2º ano do curso de História da UNIOESTE.

⁵ Ver texto produzido pelo Professor Doutor Gilberto Calil, Observatório do Mundo Contemporâneo / 2005: <http://www.unioeste.br/projetos/observatorio/>

Fica claro, porém, que o discurso estadunidense justifica os ataques com a vaga concepção de eliminar o terror eminente. Se antes a figura de Saddam Hussein, representava simbolicamente o mal, depois de sua morte o “terrorismo” iraquiano toma espaço nessas justificativas.

Dentre os pretextos possíveis para a Guerra, o principal deles segundo o ex-presidente dos Estados Unidos George W. Bush seria que o Iraque teria a capacidade de desenvolver “armas de destruição em massa” e que essas armas simbolizavam uma ameaça ao mundo. Na verdade, o Iraque passa por um duro bloqueio econômico estadunidense, que além de matar de fome mais de 1 milhão de iraquianos, incluindo crianças e mulheres, torna o aparato militar iraquiano defasado e sem capacidades objetivas de desenvolver um exército organizado. Neste sentido, os Estados Unidos matam “dois coelhos com uma cajadada só”, para além de desarticular a resistência do exército iraquiano, cadencia o mais sórdido dos imperialismos. Durante a guerra os estadunidenses concretizam os meios para se apropriarem dos recursos petrolíferos do Iraque, podendo controlar seu preço, e “desafogar” os estoques de sua principal base econômica, a indústria bélica.

Em 2003, Bush afirmou que não poderia esperar as ameaças do líder iraquiano Saddam Hussein se concretizar, três anos após a morte de Hussein que simbolizava o “mal iraquiano”, os ataques não cessaram. Que motivos teriam os E.U.A para continuar os ataques em solo Iraquiano?

“pelo que se porão de bombas a explodir, parece uma boa razão: a indústria poderá refazer seus estoques. Os Estados Unidos sairiam da recessão em que se encontram e a nação poderia respirar e rir em paz com suas comédias, suas piadas altamente sofisticadas, seus filmes que somos obrigados a assistir”.⁶

O inimigo morto não significa o fim do conflito, pois isso não reduz a verdadeira pretensão dos E.U.A, a desmedida justificativa de acabar com o ditador iraquiano como álibi para ocupação cai por terra, mas os “terroristas” estão sempre no foco da lente do discurso midiático dominante, pois pelo discurso dos meios de comunicação da “grande mídia” constará um demasiado esforço em destacar as atividades “subversivas” do Iraque contra o mundo ocidental.

As condições em que se inserem as práticas econômicas dos Estados Unidos, não diferem do estereotipo do iraquiano criado por eles, quem são os verdadeiros

⁶ Fragmento retirado da Revista Caros Amigos.

“terroristas”? Sob profunda coerção, a população iraquiana vive intenso terror ocasionado pelo conflito e pela confluência dos interesses estadunidenses, os Estados Unidos promovem a guerra como válvula de escape de suas pretensões econômicas, matando milhões de iraquianos e levando miséria, desespero e fome para outra parcela significativa dessa população.

Guerra ao Terror – Defesa aos Iraquianos?

Francieli Pinheiro⁷
Karen Loraine Kraulich⁸

A violência no Oriente Médio tem custado desde 1992 milhões de vidas do povo iraquiano. O Iraque tornou-se um cenário de desespero e inúmeras atrocidades desde o reinício dos ataques estadunidenses em 2003. Esse ano de 2010 nos deparamos com uma questão que merece ser analisada um pouco mais a fundo, a premiação do Oscar, onde um filme o qual fora lançado em 2008, tratando da ocupação estadunidense no Iraque e o "brilhante trabalho" de suas tropas na organização e "reconstrução" do país. Este filme recebeu seis estatuetas incluindo, a de Melhor Filme.

Será que já nos esquecemos que a Guerra no Iraque foi iniciada pelos EUA? E que o país foi bombardeado e devastado a partir disso? Aí nos perguntamos ainda, por que Guerra ao Terror ganhou o Oscar esse ano?

O filme trata de um agrupamento do exército estadunidense que atua no país invadido desarmando bombas e supostamente salvando vidas. O grupo se constitui de soldados bem treinados que atuam nas linhas de defesa dos exércitos estadunidenses e que exercem uma importante função onde homens precisam conviver e trabalhar em equipe, deixando as diferenças de lado em função de um bem maior, a vida dos iraquianos.

O filme nos passa uma visão na qual as forças estadunidenses estão na defensiva o tempo todo, seu inimigo não aparece claramente, os soldados andam pelas ruas cumprindo sua árdua missão de defender o povo iraquiano. O personagem principal do filme é um soldado heroicizado pelos companheiros, Kathryn Bigelow o trata um

⁷ Discente do 1º ano do curso de História da UNIOESTE.

⁸ Discente do 3º ano do curso de História da UNIOESTE.

soldado tão dedicado que ao retornar para casa sente-se deslocado e sem função, ao contrário de sua aparente satisfação quando no final do filme ele está a caminho de retornar a zona de conflito.

Guerra ao Terror tenta passar uma imagem Nacionalista do império estadunidense, os soldados "salvando vidas e levando a paz", vemos seus mortos em evidência e o silêncio estratégico sobre quantos e como morreram os iraquianos desde o início da guerra.

Mas a pergunta que fica é o porque dos soldados estadunidenses serem mostrados sempre na defensiva? Afinal, eles não são os invasores? Quem está ocupando o território de quem? E a pergunta que não quer calar, por que Guerra ao Terror ganhou o Oscar 2010?

Para respondermos essas questões cabe a nós fazer uma análise. Esse amparo aos iraquianos que o filme mostra, nada é mais falso, afinal, os Estados Unidos está em posição de defesa, até porque para eles o Iraque não pode ser invadido por outras tropas, o petróleo existente lá é uma riqueza que os EUA defendem (informalmente) a muito tempo, colocando seus soldados como "garantia" dessa defesa, sendo uma riqueza que os EUA poderá tomar posse a qualquer momento.

Entre mentiras e mentiras reproduzidas por Bigelow estão a inversão dos papéis exercidos pelos soldados, afinal os EUA são os agressores que, se estão em terras hostis é por que eles se colocaram em tal situação com um propósito, este não aparece em nenhum momento do filme. Para os soldados retratados no ganhador do Oscar de 2010, seus objetivos retratam as boas intenções de combater um inimigo que representa uma ameaça ao seu país, fica perceptível o tom de patriotismo dos soldados em batalha, esses possivelmente nunca pensaram os verdadeiros motivos pelos quais estão abandonando suas casas e indo combater em terras hostis.

Os interesses escondidos por traz da ofensiva estadunidense envolvem objetivos muito maiores do que eles possam imaginar. Estão implícitos no filme os reais interesses das grandes empresas multinacionais ligadas ao setor petrolífero e armamentista em realizar uma ofensiva contra qualquer governo que se recuse a alinhar-se com os seus "princípios".

No filme, os iraquianos aparecem como pessoas sem identidade seus rostos quase sempre ficam escondidos e dando a sensação de medo, desorientação e desespero. Aparecem conjuntamente com o cenário em que se passa o filme, não tem capacidade de transformação de sua realidade. A todo o momento estão vulneráveis aos ataques dos

próprios iraquianos. Se o cenário é de destruição, é por que os bombardeios estadunidenses o causaram. Nesse caso, quem são os agressores?

A Guerra do Iraque não terminou como disse Bush em 2003, está sim, próxima de completar uma década de mortes e destruições, não se deve a Bush necessariamente já que no governo Obama tem passado por uma nova onda de ataques. Não se deve nem as armas de destruição em massa, nem a Saddam Hussein, nem a Al Qaeda, nem ao terrorismo, idéias que estiveram relacionadas ao conflito armado desde antes de seu início e que continuam presentes diariamente nos meios de informação e agora reproduzidos e "consagrados" pelo Oscar e pela indústria cinematográfica hollywoodiana.

O cinema de guerra e seu compromisso político

*Fabíola Waiss Farherr*⁹
*Guilherme Dotti Grando*¹⁰

Ao pensarmos o cinema enquanto legitimador das políticas estadunidenses, buscamos problematizar seu papel de idealizar os modelos sócio-político-econômico imperialista. Neste sentido cabem aqui alguns questionamentos a respeito da forma como o cinema hollywoodiano aborda a questão das *guerras* e as disputas políticas, e como essa produção cinematográfica serve como instrumento reprodutor das praticas imperialistas estadunidenses.

Dirigido por Lewis Milestone, *Purple Heart*¹¹ foi um filme exibido em plena guerra contra o Japão, 1944, e que traz em seu enredo os suplícios cometidos pelos japoneses aos prisioneiros estadunidense, deixando de abordar, por outro lado, as atrocidades que foram cometidas pelos *marines* estadunidenses contra os japoneses. Esta visão parcial segundo Ignácio Ramonet, é orientada por interesses políticos uma vez que procura construir argumentos para mobilizar a opinião pública em favor da guerra.

Na construção destes discursos, o cinema hollywoodiano constantemente

⁹ Discente do 2º ano do curso de História da UNIOESTE.

¹⁰ Discente do 2º ano do curso de História da UNIOESTE.

¹¹ *Purple Heart* (Coração Púrpura) é uma condecoração militar dos Estados Unidos, outorgada em nome do Presidente a todos os integrantes das Forças Armadas que sejam feridos ou mortos durante o serviço militar, desde 5 de abril de 1917.

confundi oposição ideológica e diferenças étnicas, justifica-se a guerra não somente pelos conflitos políticos, mas também por questões étnicas. Nesses argumentos construídos, por exemplo, “o japonês não é absolutamente inimigo porque é fascista ou militarista, mas simplesmente porque é 'amarelo'” (RAMONET, 2002 p.140). Em *Flying Leathernecks*, dirigido por Nicholas Ray, o protagonista, após sofrer várias atrocidades, afirma: “Os japoneses não merecem viver”, mais um exemplo dessa confusão intencional feita nas produções estadunidenses.

Hollywood, ao focar suas câmeras em uma visão unilateral, a imagem de um exército americano comprometido com os valores da “democracia” estadunidense, mas que é desafiado e agredido por um adversário, selvagem, irracional, constrói um discurso onde as atrocidades estadunidenses são justificadas unicamente como reação as agressões que sofreram inicialmente.

O cinema constantemente traz novos filmes com novas atrocidades cometidas por japoneses, vietcongs comunistas, iraquianos, muçulmanos, e as práticas americanas são novamente justificados como uma “legítima defesa”. Na suposta tentativa de informar ao grande público a “real” situação de seu exército, Hollywood contribui para a desinformação da população. Assim, segundo Ramonet, o esforço feito pelos meios de comunicação, no caso o cinema hollywoodiano, a todo o momento “informar” a condição de vítima dos estadunidenses, mas por outro lado não discutir as formas de violência cometidas pelos norte americano enquanto agressores, invasores, e suas políticas imperialistas. A “desinformação” é promovida na medida em que Hollywood seleciona, unilateralmente, um ponto de vista de acordo com seus interesses, e constantemente o reafirmam para não debater com as outras interpretações.

O cinema hollywoodiano, desta maneira busca legitimar as práticas imperialistas dos Estados Unidos, omitindo o interesse da dominação político-econômica imposta as nações tidas como desordeiras ditatoriais ou terroristas. Neste sentido, uma visão crítica destas produções cinematográficas se faz importante na medida em que busca romper com estes discursos unilaterais. Entender o cinema enquanto um reprodutor da ideologia de quem o produz elucidada a complexidade dos conflitos e conseqüentemente a necessidade de se formar opiniões que legitimem práticas diversas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

SQUEFF, Enio. Os senhores da guerra e os escribas da morte. In: **Caros Amigos**, ano VI número 72 março 2003.

DORNELES, Carlos. **Deus é Inocente: a imprensa não**. São Paulo: Globo 2002.

VIRILIO, Paul. **1932 Guerra e Cinema: logística da percepção**. São Paulo: Boitempo, 2005.

RAMONET, Ignácio. **Propagadas Silenciosas: massas, televisão, cinema**. Petrópolis RJ: Vozes, 2002.

<http://www.unioeste.br/projetos/observatorio/>

<http://www.historianet.com.br/conteudo/default.aspx?codigo=502>